



## O ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO EM TEXTOS DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Lucivânia Marques Pacheco (IMEPAC)

**RESUMO:** Neste trabalho analisamos o funcionamento do fenômeno do encapsulamento anafórico (especificamente o que se opera por meio de expressões nominais), no gênero textual artigo de opinião, com o intuito de descrever, baseando-nos nos pressupostos teóricos da Linguística Textual, o comportamento dessa atividade sócio-discursiva de referência. Para tal fim, após abordar sinteticamente o conceito de gênero textual e, particularmente, o gênero artigo de opinião, apresentamos uma análise de diferentes aspectos envolvidos nesse fenômeno do encapsulamento anafórico no gênero textual selecionado (estrutura morfossintática da expressão anafórica, funcionamento semântico, funções sócio-discursivas etc.). Com base, então, na análise desenvolvida, apresentamos uma breve proposta de sistematização dos aspectos envolvidos no encapsulamento anafórico, segundo a qual tal fenômeno articula propriedades de natureza sociocognitiva, discursiva, semântica e morfossintática.

**PALAVRAS-CHAVE:** encapsulamento anafórico, gênero textual, artigo de opinião

### ANAPHORIC ENCAPSULATION IN OPINION PIECES

**ABSTRACT:** In this paper we analyse the operation of the anaphoric encapsulation phenomenon (specifically the one that operates through noun phrases) in the opinion piece genre, in order to describe the behavior of this socio-discursive referral activity, based on the theoretical principles of Text Linguistics. To achieve this goal, after briefly addressing the concept of genre and particularly the opinion piece genre, we present an analysis of different aspects involved in the anaphoric encapsulation phenomenon within the selected genre (the morphosyntactic structure of the anaphoric expression, the semantic operation, the socio-discursive functions etc.). Based on that analysis, we present a brief proposal to systematize the aspects involved in anaphoric encapsulation, which articulates socio-cognitive, discursive, semantic and morphosyntactic properties.

**KEYWORDS:** anaphoric encapsulation, genre, opinion piece.



## Introdução

O presente trabalho insere-se na área da Linguística Textual e focaliza o fenômeno conhecido como “encapsulamento anafórico”. O objetivo é apresentar uma análise conjunta de diferentes aspectos desse fenômeno (estrutura morfosintática da expressão anafórica, funcionamento semântico, funções sócio-discursivas etc.), procurando mostrar, de forma específica, como esse processo de encapsulamento anafórico atua na construção textual, particularmente no caso do gênero textual artigo de opinião.

A escolha do artigo de opinião deu-se por se tratar de um gênero cujo papel social é de suma importância. Ao promover a interação entre autor e leitor (de jornais, de revistas de opinião impressas e online), o artigo de opinião constitui-se como uma importante ferramenta, pois, enquanto instância interativa, esse gênero propicia a ampliação de ideias e de pontos de vista, “garantindo-se um melhor entendimento da sociedade e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem” (BOFF; KÖCHE; MARINELLO, 2009, p. 1).

A nosso ver, a principal contribuição deste artigo seria tentar reunir, de forma integrada, num mesmo trabalho, a análise de diferentes aspectos do processo de encapsulamento anafórico, procurando contribuir para sistematizar o entendimento de seu funcionamento e para destacar sua complexidade e sua relevância para o processo de construção textual. Para nós, trata-se de uma análise que pode contribuir para uma melhor compreensão do próprio fenômeno do encapsulamento anafórico, podendo vir a contribuir, ainda, de modo mais geral, para análises sobre o gênero artigo de opinião, bem como para os estudos sobre o processo mais amplo de construção textual.

Os artigos de opinião selecionados para este estudo foram retirados da Revista *Caros Amigos Online*<sup>1</sup>. São artigos veiculados diariamente pelo *site* da Revista, nos quais diversos jornalistas se manifestam sobre temas polêmicos no contexto nacional e internacional. As corréncias foram extraídas de 90 artigos

---

<sup>1</sup> <http://www.carosamigos.com.br>

de opinião, consultados no período compreendido entre janeiro de 2011 e dezembro de 2013.

O recurso aos dados não constitui uma descrição de uma amostra de língua. O que se buscou nas ocorrências foi identificar os diferentes aspectos dos sintagmas nominais (SN) encapsuladores. Além de análises de exemplos reais, extraídos desse *corpus*, a discussão aqui exposta articula também análises do encapsulamento anafórico desenvolvidas por diversos autores que têm trabalhado com o assunto ou com temas afins.

O presente trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: na seção 1, a seguir, apresentamos algumas breves considerações sobre a noção de gênero textual e, particularmente, sobre o gênero artigo de opinião; na seção 2, desenvolvemos, então, a análise do processo de encapsulamento anafórico, destacando diferentes aspectos envolvidos nesse processo, tendo em vista o gênero textual particular aqui em foco; na seção 3, apresentamos uma breve proposta de sistematização desses diferentes aspectos constituintes do processo de encapsulamento; por fim, na última seção, apresentamos as considerações finais.

## **1 Considerações sobre gênero textual e sobre o gênero artigo de opinião**

Cada esfera social – trabalho, religião, escola – demanda que os sujeitos, em suas atividades comunicativas, interajam com seus interlocutores, o que acarreta o conhecimento acerca dos gêneros, pois em cada uma dessas esferas circulam gêneros específicos que se estruturam de determinada maneira para atender às intenções comunicativas dos sujeitos.

Como bem enfatiza Schneuwly (2004, p. 138), “saber falar, não importa em que língua, é dominar os gêneros que nela emergiram historicamente, dos mais simples aos mais complexos”. Por isso, o autor propõe uma didatização dos gêneros, por compreendê-los como instrumentos ou megainstrumentos para ensinar e aprender línguas, uma vez que, segundo sua crença, toda a



aprendizagem se dá não de maneira individual, mas por meio das interações sociais.

Para Bakhtin (2004, p. 113), principal expoente no estudo sobre gêneros, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação”. O autor, ao expor seu conceito de gênero discursivo, eleva o gênero ao patamar de organizador da linguagem – “Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262) –, pois considera que os sujeitos, inseridos nas diversas esferas da atividade humana, falam e escrevem por meio de gêneros do discurso cujas características são determinadas pelo contexto.

Para o autor, cada enunciação compõe-se de diversas vozes que dialogam dentro do discurso numa polifonia construída histórica e socialmente, ou seja, cada enunciado é produzido por um sujeito que quer dizer algo (intenção comunicativa) e endereçado para alguém. As intenções comunicativas dos sujeitos dão origem aos diversos tipos de gêneros ou aos tipos “relativamente estáveis” de enunciados. Como os gêneros são histórica e socialmente construídos, sofrem modificações de acordo com o momento de sua produção. Tal fato fez com que o autor realizasse uma classificação dos gêneros em primários (carta, bilhete, diálogo cotidiano) e secundários (teatro, tese científica, romance), de acordo com suas finalidades discursivas.

Ao classificar os gêneros, Bakhtin (2003) o faz de acordo com três dimensões constitutivas: sua estrutura composicional (aspectos formais, inclusive a estrutura e a linguagem), seu estilo (as escolhas lexicais do locutor, de acordo com a linguagem em uso) e seu conteúdo temático (os sentidos e o assunto abordado em um contexto sociocultural). Essas dimensões são importantes para o presente estudo, uma vez que contribuem para a compreensão do papel exercido pela anáfora encapsuladora no âmbito do gênero artigo de opinião, que constituiu o objetivo geral deste trabalho.

O artigo de opinião se constitui como um gênero no qual predomina a exposição de um ponto de vista do produtor – jornalista, crítico, colaborador de

jornal etc. Caracteriza-se pelo uso de dêiticos, do presente do indicativo e, sobretudo, pela argumentatividade para “informar sobre um assunto e comentar sobre o tema informado, a partir de determinada fundamentação” (DELL’ISOLA, 2007, p. 54).

Para Bräkling (2000), o artigo de opinião:

é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes que possam convencer o interlocutor. (BRÄKLING, 2000, p. 227).

No que tange às dimensões constitutivas do gênero, conforme Bakhtin (2003), no artigo de opinião a estrutura composicional apresenta o uso de uma linguagem formal, com verbos no presente do indicativo e, dentre outros recursos, com o uso, como se verá na análise, do encasulamento anafórico, exercendo várias funções no texto. Com relação ao estilo, constituem marcas linguísticas na organização do discurso do gênero artigo de opinião o uso preferencial da terceira pessoa e do modo indicativo ou subjuntivo para apresentar o tema e os argumentos. Quanto ao conteúdo temático, o artigo de opinião apresenta temas que dominam as diversas esferas sociais (ciência, política, religião, etc.), abordando-os de maneira polêmica.

Para Koch e Fávero (1987), uma sequência linguística argumentativa, como a do gênero artigo de opinião, apresenta, em sua estrutura constitutiva, as dimensões pragmática, esquemática global e linguística de superfície.

No que diz respeito à dimensão pragmática, as autoras especificam que essa dimensão se divide em macro-ato, atitude comunicativa e atualização em situação comunicativa. O macro-ato refere-se à estruturação das relações lógicas no discurso persuasivo. A atitude comunicativa tem a ver com as intenções do autor, com o que ele pretende provocar em seu interlocutor. A atualização em situação comunicativa diz respeito aos diferentes tipos de gêneros em que uma sequência persuasiva pode ocorrer.



A dimensão esquemática global, segundo Koch e Fávero (1987), diz respeito à superestrutura argumentativa e às categorias nas sequências argumentativas. A superestrutura argumentativa, por sua vez, determina a estrutura das sequências argumentativas. No caso do gênero artigo de opinião, cujo caráter argumentativo exige, para explicitação da tese a ser defendida, a ordenação dos parágrafos, as autoras defendem que existem vários tipos de disposição das ideias na construção dos parágrafos.

Essas disposições são feitas por meio das categorias que são divididas por Koch e Fávero (1987) em tese anterior, argumentos, contra-argumentos, síntese e conclusão. A tese anterior apresenta o dado, aquilo que é de conhecimento geral e não necessita de muita comprovação; os argumentos são as premissas apresentadas para comprovação de uma tese; os contra-argumentos são os que derrubam uma asserção por meio de fatos ou eventos que a contradizem; a síntese comprova e justifica uma ideia, com intuito de convencer, persuadir o interlocutor e, por fim, na conclusão a ideia principal, discutida ao longo do desenvolvimento, é reiterada, podendo ser apresentada nova tese ou novo questionamento.

A dimensão linguística de superfície, segundo Koch e Fávero (1987), diz respeito ao encadeamento de segmentos textuais estabelecido por meio dos articuladores textuais ou operadores de discurso como os modalizadores, os operadores argumentativos, as anáforas encapsuladoras, objeto deste artigo, dentre outros.

Referindo-se especificamente às anáforas encapsuladoras, a análise que se empreenderá neste estudo focalizará o encapsulamento anafórico como ferramenta de organização do gênero artigo de opinião, uma vez que exerce, no âmbito deste gênero, funções de ordem sociocognitiva, discursiva, semântica e morfossintática as quais permitem estabelecer um quadro classificatório deste tipo de referenciação no gênero objeto deste estudo.

## 2 Referenciação por encapsulamento no gênero artigo de opinião

### 2.1 Caracterização geral das noções de referenciação e encapsulamento

O referencial teórico adotado neste trabalho concebe o processo de referenciação como um fenômeno construído na interação discursiva por meio da “intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações das concepções individuais e públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 1995, p. 276).

A referenciação constitui um fenômeno central para o entendimento da progressão textual. De acordo com Cortez (2012, p. 13), mais que uma relação direta, a relação anafórica passou a ser analisada como uma relação que se funda contextualmente, sobretudo em fatores pragmáticos, sociointeracionais e cognitivos. O exemplo (01) corrobora essa afirmação:

(01) Não existe um lugar com narcotráfico em que não se pague à polícia. Uma parte muito grande do que faturava ‘Nem’ ia parar na polícia. E *eles* protegiam ao narcotraficante, disse Freixo. (*Caros Amigos*, 17 de dezembro de 2011).

A relação anafórica desencadeada pelo pronome *eles* no exemplo não se apoia em elementos da superfície textual, mas na memória e isso permite ir além dos limites do contexto e identificar o referente no contexto da hierarquia da polícia como sendo os próprios policiais, sargentos, o comando da polícia etc. A omissão do referente em (01) é feita pelo produtor mediante a pressuposição de que o seu leitor, assim como ele, possui claramente organizado em sua mente o referente da forma pronominal.

Para Cortez (2012), ao abandonar a ideia da referência como um processo que se apoia em elementos da superfície textual:

o tratamento da referência, inevitavelmente, estendeu-se sobre a dimensão do discurso, propondo novo olhar sobre as operações de designação, identificação e interpretação referencial e por consequência renovou a compreensão acerca do processamento anafórico. Isto se deu porque a referência passou a ser concebida e analisada como uma atividade



discursiva, na qual estão implicados aspectos sociocognitivos, que por sua vez interferem no processamento da anáfora, condicionando as operações de designação/identificação de referentes. (CORTEZ, 2012, p. 16)

Nesse contexto, as anáforas por encapsulamento – que resumem porções textuais de extensão variada – desempenham um papel importante na dinâmica do texto. Esse tipo de anáfora, de acordo com Conte (2003, p. 177)<sup>2</sup>, opera por meio de um sintagma nominal que faz uma “paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto”. No gênero analisado por este estudo, isso pode ser constatado em exemplos como (02), em que o SN *esse crédito eleitoral* resume o cotexto precedente no qual se estabelece uma relação entre políticas governamentais e o verbo *ganhar* que, sendo nominalizado, em seguida, por *ganho*, possibilitou o encapsulamento da porção textual por *esse crédito eleitoral*.

(02) Ao ser citada em um relatório desse tipo, sobretudo com uma redução que posiciona a cidade abaixo da linha imaginária do que é considerado um índice “epidêmico”, as políticas governamentais de segurança ganham enorme respaldo nacional e internacional. Sabe-se bem como esse ganho foi capitalizado rapidamente pelo governo paulista durante a última década. Contudo, *esse crédito eleitoral* e, acima de tudo, político-administrativo, não foi usufruído sem que, bem longe das razões governamentais, se constituísse um lastro que sustenta outra história acerca da redução das taxas de homicídios. (*Caros Amigos*, 24 de agosto de 2012).

Segundo Conte (2003), a referenciação encapsuladora é totalmente dependente do cotexto, o que não significa que esse tipo de anáfora seja veiculadora de informações velhas. Para a autora, os encapsulamentos anafóricos são introdutores de um novo referente discursivo que se torna argumento de predicacões posteriores; o próprio núcleo do SN encapsulador é novo, pois não figura no cotexto, como no caso apresentado em (02).

A referenciação anafórica encapsuladora se apresenta também como um recurso que atua na “categorização e hipostasiação de atos de fala e de funções

---

<sup>2</sup> O texto original “Anaphoric encapsulation” foi escrito por Conte em 1996. Posteriormente, foi traduzido e publicado por Mônica Magalhães Cavalcante em 2003. A consulta para realização deste estudo foi feita pelo texto publicado em 2003.



argumentativas no discurso” (CONTE, 2003, p. 187). Por meio da hipostasiação, os objetos são “reavaliados, ressignificados, recategorizados marcando uma mudança de nível, uma condensação da informação” (CONTE, 2003, p. 183), promovendo (argumentativamente) uma requalificação do objeto-de-discurso ao qual se referem.

Isso pode ser observado no exemplo analisado acima, em que o SN *esse crédito eleitoral* só pode ser compreendido por meio da categorização e recategorização do verbo *ganhar* que, sendo nominalizado, passa ao nome *ganho*, o qual possibilitou o encapsulamento da porção textual por *esse crédito eleitoral* (eleitoral devido ao fato de ter sido mencionado, inclusive ironicamente, pelo governo do estado sob a forma de manipulação de dados sobre uma pesquisa de segurança em São Paulo).

Como mencionado anteriormente, a relação anafórica passou a ser analisada como uma relação que se funda contextualmente, sobretudo em fatores sociointeracionais e cognitivos (CORTEZ, 2012, p. 13). O fenômeno do encapsulamento anafórico, embora se configure como de orientação discursiva, possui também sua contraparte sociocognitiva. Tomando como referência o exemplo (02), o SN *esse crédito eleitoral* demanda, para a interpretação do seu significado, que se faça remissão a outras informações, além das discursivas. Para sua compreensão, há que se mobilizar, como aponta Marcuschi (2000), estratégias que ultrapassam as operações simples de coesão por encadeamento de elementos linearizados, ou seja, é preciso evocar um conjunto de propriedades, relações ou associações (*frames*, cenários, esquemas etc.), ou, no dizer de Koch (2009), é preciso mobilizar o contexto sociocognitivo. Esse contexto, de acordo com a autora, engloba não só o cotexto, mas também

a situação de interação imediata, a situação mediata (o entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais, pois engloba todos os tipos de conhecimento arquivados na memória dos sujeitos sociais. (KOCH, 2009, p. 81).

Dessa forma, retomando o SN *esse crédito eleitoral*, do exemplo (02), pode-se afirmar que ele mobiliza nosso conhecimento socialmente situado, uma



vez que ele encapsula uma parte do cotexto que nos remete para uma realidade de nosso país. Para entendermos *esse crédito eleitoral*, precisamos conhecer nossa realidade política, na qual se busca “tirar proveito” de tudo para conseguir manter-se no poder.

A interpretação desse SN encapsulador demanda a ativação de *frames* que, de acordo com Beaugrande e Dressler (1981), são padrões globais que contêm o conhecimento do senso comum acerca de algum conhecimento central, ou seja, o receptor precisa conhecer os modelos de política, mais especificamente, “as maracutaias” políticas do Brasil, para compreender a retomada, por meio do SN em questão, usado de maneira irônica por parte do produtor do texto.

Por fim, o autor obedece à superestrutura do gênero artigo de opinião (FÁVERO; KOCH, 1987) e seu propósito comunicativo, qual seja, o de persuadir o interlocutor, levando-o a buscar no seu conhecimento enciclopédico a associação entre *crédito eleitoral* e manipulação de dados da pesquisa de segurança de São Paulo.

Essas estratégias utilizadas pelo autor encontram-se presentes (sob a forma de enquadres) na memória de longo termo do produtor/receptor do texto e são de extrema importância na produção e recepção textual, pois, como afirmam Beaugrande e Dressler (1981), influenciam a forma como um tópico deve ser desenvolvido, ordenam o texto em uma sequência lógica, determinam como os produtores dos textos irão prosseguir seus objetivos e, por fim, como os produtores dos textos adequam seus discursos a um determinado gênero para obtenção do efeito argumentativo desejado.

De acordo com Chanet (1994), uma das particularidades das anáforas resumitivas<sup>3</sup> é a de criar um objeto na memória por meio da reificação de uma relação entre vários objetos discretos; antes de uma anáfora resumitiva o objeto como tal não existe, é a anáfora que cria o objeto. A afirmação de Chanet (1994) evidencia que as anáforas encapsuladoras possuem um caráter discursivo que

---

<sup>3</sup> Chanet (1994) denomina de anáforas resumitivas as referências feitas por meio de encapsulamento anafórico.

envolve aspectos sociocognitivos, os quais, no dizer de Cortez (2012, p. 16), “interferem no processamento da anáfora, condicionando as operações de designação/identificação de referentes”.

As anáforas por encapsulamento se manifestam sempre por expressões nominais ou pronominais que, de acordo com Cavalcante e Mesquita (2011), cumprem as seguintes funções:

a) *Resumitiva*, porque parafraseia, numa expressão, uma porção do contexto, acrescida de inúmeras outras informações contextuais; b) *Coesiva*, porque marca a articulação de ideias que vêm sendo desenvolvidas no texto e porque organiza tópicos textual-discursivos, colaborando para a continuidade e para a progressão temática; c) *Metadiscursiva*, porque a seleção da expressão encapsuladora revela a atitude reflexiva do locutor ao voltar-se para o seu próprio dizer; e d) *Argumentativa*, porque contribui efetivamente para a persuasão elaborada pelo enunciador. (CAVALCANTE e MESQUITA, 2011, p. 55) (grifos da autora).

Os exemplos (03), (04), (05) e (06) ilustram as funções descritas acima:

(03) A grande burguesia paraguaia e os EUA encamparam a saída do Palácio de los López do desgastado poder “colorado”. No governo, Lugo não avançou em relação à reforma agrária: garantiu, cooptando as direções do movimento camponês ou reprimindo-as, o grande latifúndio dos produtores de soja nacionais, dos “brasiguaios” (Tranquilo Favero, brasileiro, “o rei da soja”, possui mais de 100 mil hectares de terra – um milhão, se contadas as terras detidas por seus testas de ferro – e 40 mil cabeças de gado em 13 dos 17 departamentos do país) e das empresas multinacionais que dominam o agronegócio. *Essa estrutura latifundiária* é das mais desiguais do mundo: 85% das terras (uns 30 milhões de hectares) estão nas mãos de 2% dos proprietários. O Paraguai é o quarto produtor e exportador de soja e o nono de carne do mundo. (*Caros Amigos*, 22 de agosto de 2012).

(04) Alguns críticos do filme interpretaram essa citação como um indício de que o filme “atinge o nível mais nobre da arte ocidental. O filme apela para o centro da tradição norte-americana – o ideal do nobre sacrifício pelo povo comum. Batman deve se humilhar para ser exaltado e renunciar à própria vida para encontrar uma nova. [...] Como máxima figura de Cristo, Batman sacrifica a si para salvar os outros”. *Dessa perspectiva*, com efeito, Dickens está apenas a um passo de distância de Cristo no Calvário: “Pois aquele que quiser salvar



a sua vida vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim vai encontrá-la. De fato, que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida?” (Mt 16:25-26 da Bíblia de Jerusalém). O sacrifício de Batman como repetição da morte de Cristo? *Essa ideia* não seria comprometida pela última cena do filme (Wayne com Selina em um café em Florença)? O equivalente religioso desse final não seria a conhecida ideia blasfema de que Cristo realmente sobreviveu à crucificação e teve uma vida longa e pacífica (na Índia, ou talvez no Tibete, de acordo com algumas fontes). (*Caros Amigos*, 14 de agosto de 2012).

(05) Em seu famoso Prefácio à Contribuição à crítica da economia política (São Paulo, Expressão Popular, 2012), Marx escreveu que, em seu pior modo evolutivo, a humanidade só apresenta a si mesma tarefas que ela é capaz de resolver. Somos tentados a inverter *essa declaração* e afirmar que a humanidade só apresenta para si tarefas que não pode resolver, desencadeando, assim, um processo imprevisível no decurso do qual a própria tarefa (objetivo) é redefinida. (*Caros Amigos*, 9 de Agosto de 2013).

(06) Com a aprovação, a educação do Brasil passa a ter novos desafios democráticos. À chiadeira miúda das elites anti-cotas, em seu direito justo de espernear, resta-lhes perceber as virtudes soberanas da democracia brasileira. No entanto, não são essas lágrimas de crocodilo que darão a nova governança da educação do país. Com a obrigatoriedade do ensino médio e os seis milhões de inscritos no ENEM 2012, é para frente que o Brasil precisa olhar. (*Caros Amigos*, 22 de agosto de 2012).

Além dessas funções, as anáforas encapsuladoras possuem, ainda, funções semânticas e as funções rotuladora e avaliadora do discurso. Nas seções mais adiante, analisamos detalhadamente essas outras funções. Antes, porém, de passarmos à análise dessas funções, abordamos, a seguir, a estrutura interna do SN encapsulador.

## 2.2 A estrutura de um SN encapsulador no gênero artigo de opinião

Para identificar a composição de um SN encapsulador, analisamos tanto ocorrências reais de anáforas encapsuladoras em textos do gênero artigo de opinião, quanto estudos descritivos do fenômeno da anáfora encapsuladora em língua portuguesa. Duas estruturas foram as mais recorrentes: *det + nome +*

*adjetivo* ou *det + adjetivo + nome*, em que o adjetivo funciona como modificador do nome nuclear do SN. Nos demais itens analisados, predominou a relação *det + nome*. Encapsuladores realizados apenas por pronomes também foram encontrados, porém em pequena quantidade.

Segundo os estudos de Camacho, Dall’Aglío-Hattner e Gonçalves (2008, p. 9), substantivos e adjetivos podem ser incluídos em uma mesma classe, a dos nomes, e o que justifica essa inclusão é o fato de essas duas classes compartilharem, em línguas clássicas como o latim e o grego, “propriedades mórficas como flexão de gênero, número e caso, sendo possível a distinção entre ambas somente em termos funcionais”. Porém, ressaltam os autores, os substantivos possuem características específicas que os diferenciam e, portanto, justificam um tratamento específico para esta classe.

Para o presente trabalho, interessa destacar os pontos que envolvem as relações que se operam entre nome e adjetivo (modificador) e nome e determinante de um SN encapsulador.

Com relação ao determinante de um SN encapsulador, foram encontradas ocorrências de determinantes demonstrativos (predominantemente), definidos, indefinidos e possessivos. A predominância da determinação demonstrativa corrobora estudos como os de Conte (2003) e Cavalcante (2001), dentre outros.

No que diz respeito à relação entre o nome e o adjetivo em um SN encapsulador, o que se observou, na análise das ocorrências, foi a predominância de adjetivos funcionando como modificadores do nome. Nessa função, foi possível identificar que os adjetivos que modificam os nomes no SN pertencem, principalmente, às subclasses dos classificadores e dos quantificadores.

Na função de classificadores, enquadram-se os adjetivos que, segundo Neves (2000, p. 186):

colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa subclasse. Eles constituem, pois, uma verdadeira denominação para a



subclasse, e, portanto, são denominativos, e não predicativos, possuindo caráter não-vago.

Dessa forma, por exemplo, em (07), no SN *estrutura latifundiária*, “latifundiária” é o adjetivo que classifica “estrutura”, pois existem vários tipos de estrutura, um desses tipos sendo a latifundiária:

(07) A grande burguesia paraguaia e os EUA encamparam a saída do Palácio de los López do desgastado poder “colorado”. No governo, Lugo não avançou em relação à reforma agrária: garantiu, cooptando as direções do movimento camponês ou reprimindo-as, o grande latifúndio dos produtores de soja nacionais, dos “brasiguaios” (Tranquilo Favero, brasileiro, “o rei da soja”, possui mais de 100 mil hectares de terra – um milhão, se contadas as terras detidas por seus testas de ferro – e 40 mil cabeças de gado em 13 dos 17 departamentos do país) e das empresas multinacionais que dominam o agronegócio. *Essa estrutura latifundiária* é das mais desiguais do mundo: 85% das terras (uns 30 milhões de hectares) estão nas mãos de 2% dos proprietários. O Paraguai é o quarto produtor e exportador de soja e o nono de carne do mundo. (*Caros Amigos*, 29 de agosto de 2012).

Na função de qualificadores estão os que “indicam, para o nome que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe feixe das propriedades que o definem” (NEVES, 2000, p. 185). Esses adjetivos qualificam os nomes que acompanham, podendo conferir-lhes características mais ou menos subjetivas.

Constituem exemplos de qualificadores os adjetivos que contêm, em sua morfologia, prefixos negativos (desagradável, impenitente, imaturo, incompleto etc.) ou sufixos que formam derivados de verbos, fazendo com que encontrem na língua sua contraparte verbal (petrificada, apodrecida, reluzente, brilhante, temido, respeitado, aberto etc.). No exemplo (08), o nome *despolitizada* exerce, no âmbito do texto (gênero artigo de opinião), a função de qualificador:

(08) A Grécia não é exceção. É mais uma, dentre várias pistas de testes de um novo modelo socioeconômico de aplicação quase ilimitada: *uma tecnocracia despolitizada*, na qual banqueiros e outros especialistas ganham carta branca para demolir a democracia. (*Caros Amigos*, 12 de junho de 2012).

### 2.3 As propriedades semânticas de um SN encapsulador no artigo de opinião

De acordo com Camacho, Dall’Aglio-Hattner e Gonçalves (2008, p. 9), em um SN, o núcleo nominal é o responsável por ativar as funções denominadora e referenciadora dos substantivos. Na sua função de denominar (seres em geral: carro, gato, homem, Brasil; qualidades, ações ou estados: beleza, despedida, alegria), os substantivos, devido ao fato de possuírem significação informacional relacionada à extensionalidade, podem “atualizar significados que lhe são disponíveis (virtuais) e, assim, permitir acesso à realidade extramental, enfatizando a relação linguagem-mundo”.

Apoiados em Lyons (1977), Camacho, Dall’Aglio-Hattner e Gonçalves (2008) classificam os substantivos segundo a ordem das entidades que denominam:

*Entidades de primeira ordem* são indivíduos (pessoas, animais e coisas) e têm as seguintes características: (i) sob condições normais, são relativamente constantes quanto à suas propriedades perceptuais; (ii) são localizadas em algum ponto no tempo e no espaço; (iii) são observáveis publicamente; (iv) podem ser avaliadas em termos de sua existência. Assim, podem ser referidas e propriedades a elas atribuídas. São exemplos: homem, gato, caneta etc.

*Entidades de segunda ordem* designam estados-de-coisas (ações, processos, estados e posições) e se caracterizam por poderem: (i) ser localizadas no tempo e ter uma certa duração temporal; (ii) ocorrer, e não por existir; (iii) ser avaliadas em termos de sua realidade. São exemplos: chegada, beleza, morte etc.

*Entidades de terceira ordem* designam entidades abstratas (crenças, expectativas e julgamentos) e têm as seguintes características: (i) estão fora do espaço e do tempo; (ii) podem ser asseveradas, negadas, lembradas ou esquecidas; (iii) podem ser razão, mas não causa; (iii) podem apenas ser avaliadas em termos de suas condições de verdade e não de sua realidade ou existência. São exemplos: ideia, crença, razão etc. (CAMACHO, DALL’AGLIO-HATTNER e GONÇALVES, 2008, p. 9).

Os autores apontam, ainda, uma quarta ordem na qual as entidades se referem aos atos de fala: declarações, perguntas, exclamações.



Os substantivos podem codificar todas as quatro entidades na língua e, como ressaltam os autores, aludindo aos estudos de Dik (1989), entidades não são coisas da realidade, mas construtos mentais. Os substantivos são termos usados para fazer referência a uma entidade. Sendo assim, ao empregar um substantivo, o falante faz uma referência construtora ou uma referência identificadora. Se a referência é construtora, o uso de um termo introduz uma entidade no modelo mental do interlocutor; se a referência é identificadora, o uso de um termo é apenas um modo de ajudar o interlocutor a identificar um referente que já esteja disponível no seu modelo mental.

De acordo com Camacho, Dall’Aglio-Hattner e Gonçalves (2008, p. 10), o núcleo nominal de um SN “é o único termo que, tomado de acepção referencial, constitui o centro de referência”, entretanto ressaltam que o simples fato de um substantivo aparecer em um SN não lhe confere função referenciadora. Os autores asseveram que:

Um substantivo funcionando como um adjetivo pode atribuir a um outro substantivo o conjunto de propriedades que indica como se fosse uma propriedade única, ou seja, ao deixar de ser referencial, ele passa a atuar como um qualificador ou como um classificador, comportamento típico de substantivos em função predicativa. (CAMACHO; DALL’AGLIO-HATTNER; GONÇALVES, 2008, p. 11).

Fazendo referência ao universo textual, os autores ressaltam a importância de se entender a referenciação feita por meio dos substantivos como uma operação na qual os objetos de mundo são transformados em objetos do discurso, os quais são categorizados e recategorizados na dinâmica discursiva, formando cadeias referenciais responsáveis pela progressão textual. É importante salientar que a referenciação por meio dos substantivos está ligada à situação discursiva e ao conhecimento de mundo dos falantes.

Na recorrência aos textos do *corpus* deste artigo houve predominância do encapsulamento anafórico de entidades de terceira ordem, como ilustra o exemplo (09):



(09) “Na lógica da economia verde, a floresta presta o serviço ambiental de capturar o carbono que causa o efeito estufa. Então, digamos que um hectare de floresta captura 20 toneladas de carbono por ano. Aquele hectare vai ser convertido em títulos financeiros, que vão ser comercializados na bolsa de valores, equivalentes a esse montante”. Segundo ele, já existem bolsas de valores específicas para esse tipo de transação, nos EUA e no Japão, “mas elas não estão funcionando a pleno vapor justamente porque não existe uma regulamentação internacional sobre isso. É isso o que está sendo proposto agora” diz. Atualmente, discute-se a inclusão de mecanismos de PSA no texto do novo Código Florestal brasileiro, cujo projeto de lei tramita no Senado. “Um dos defensores *dessa ideia* é o senador Blairo Maggi, que é um dos maiores produtores de soja do país”, assinala Luiz Zarref. (*Caros Amigos*, 7 de novembro de 2011).

Vale ressaltar que as entidades de primeira ordem não podem ser encapsuladas, uma vez que possuem estatuto de referentes.

#### 2.4 A função de rotulador dos SNs encapsuladores no gênero artigo de opinião

As relações *det + nome*, *det + nome + adjetivo* e *det + adjetivo + nome* encontradas nos SNs constitutivos do *corpus* deste artigo revelam, também, um importante aspecto da coesão lexical de grupos nominais, denominado por autores como Francis (2003, p. 191)<sup>4</sup> como rotulação. Este processo revela a forma como os grupos nominais “são usados para conectar e organizar o discurso escrito”.

Em um discurso, os rótulos operam cataforicamente e anaforicamente. Quando precedem sua lexicalização, os rótulos são denominados de prospectivos e quando a antecedem são denominados de retrospectivos.

Em função prospectiva, os rótulos permitem ao leitor buscar a informação precisa no próximo segmento textual ou no próximo parágrafo, como no exemplo (10), ou, ainda, denotam avaliação do produtor do texto, como o rótulo *nessa deliberação*, em (11):

---

<sup>4</sup> O texto original “Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion” foi escrito por Gill Francis em 1994. Posteriormente, foi traduzido e publicado por Mônica Magalhães Cavalcante em 2003. A consulta para realização deste estudo foi feita pelo texto publicado em 2003.



(10) *Duas críticas* do senso-comum se apresentam aqui. A *primeira* é de que houve violência e matanças monstruosas nas revoluções reais, desde o estalinismo ao Khmer Vermelho, por isso está claro que o filme não está apenas engajado na imaginação revolucionária. A *segunda*, oposta, é esta: o atual movimento Occupy Wall Street não foi violento, seu objetivo definitivamente não era um novo reino do terror; na medida em que se espera que a revolta de Bane extrapole a tendência imanente do movimento OWS, o filme, portanto, deturpa de maneira absurda seus objetivos e estratégias. (*Caros Amigos*, 14 de agosto de 2012).

(11) América Latina; quarta e última indisposição foi a de após anos de conflitos se retirou da importante Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP) a nomeação de “Pontifícia” e “Católica”. O Judas da universidade foi o cardeal de Lima, Juan Luis Cipriani. E, nesse último detalhe gostaria de me deter, pois aflige diretamente os da América Latina. Penso que o que esteja em jogo *nessa deliberação* é a tentativa de retalhar não só a universidade, mas indispor a Teologia da Libertação. (*Caros Amigos*, 27 de julho de 2012).

Os SNs encapsuladores do *corpus* deste artigo, em sua maioria, enquadram-se no que Francis (2003, p. 195) denomina de rotuladores retrospectivos, devido ao fato de servirem para “encapsular ou empacotar uma extensão do discurso”. O que identifica um grupo nominal como rótulo retrospectivo é, no dizer da autora, o fato de ele não se referir a nenhum outro grupo nominal antecedente, “mas apresentar-se como equivalente à oração ou orações que ele substitui, embora nomeando-as pela primeira vez” (FRANCIS, 2003, p. 195). O rótulo sinaliza ao leitor como deve ser interpretada a extensão do discurso precedente a que ele faz referência, “e isso fornece o esquema de referência dentro do qual o argumento subsequente é desenvolvido” (FRANCIS, 2003, p.195). O exemplo (12) permite observar esse processo:

(12) O ingresso da Venezuela poderia ser interessante para os países do bloco se permitisse acordos bilaterais, de intercâmbio de energia, com base em preços inferiores aos internacionais, investimentos industriais em ampla escala, com créditos baratos e de longo prazo. Isso é uma perspectiva fora do alcance das burguesias nacionais, pelas suas rivalidades (incapacidade de planificação) e pela pressão do capital financeiro internacional.

A entrada de Venezuela ao Mercosul, por outro lado, carece de sustentação legal pela não aprovação paraguaia. A

*manobra* limita-se a ampliar o campo de contradições no bloco, já manifestas nas divisões sobre este ponto entre os governos do Brasil e Uruguai (Danilo Astori, vice-presidente uruguaio, declarou que o ingresso da Venezuela foi “um golpe” acordado entre Argentina e Brasil, no último momento). (*Caros Amigos*, 29 Agosto de 2012).

O rótulo retrospectivo *A manobra* conduz o leitor a interpretar que o ingresso da Venezuela ao Mercosul é apenas mais uma “jogada” que não trará benefícios aos países componentes do bloco devido ao fato de existirem rivalidades, sobretudo com o Paraguai. Ao fazer esta caracterização, o rótulo alinha as orações precedentes com as que se seguem, fornecendo o esquema no qual estão presentes os argumentos necessários para comprovar que “a manobra” foi um golpe traçado pelo Brasil e Argentina, maiores interessados no mercado venezuelano.

Outra característica dos rótulos retrospectivos é o fato de exercerem a função de pró-formas. Os nomes que funcionam como núcleos desses rótulos são geralmente precedidos por determinantes demonstrativos, definidos, dentre outros, assim como por modificadores e qualificadores e, de acordo com Francis (2003, p. 196), “o grupo todo funciona muito bem como uma pró-forma ou um item referencial” e se assemelha ao que Halliday e Hasan (1976 *apud* FRANCIS, 2003, p. 196) chamam de nomes gerais (homem, criatura, coisa, material, assunto, movimento, mudança, questão, ideia, fato etc.), os quais podem ter função coesiva “pois um nome geral é, em si mesmo, um caso fronteiro entre um item lexical (membro de um conjunto aberto) e um item gramatical (membro de um sistema fechado)”. Como apontam os autores, do ponto de vista gramatical, “a combinação de nome geral mais determinante específico (o homem, a coisa) é muito semelhante a um item referencial”.

Os rótulos retrospectivos possuem, de acordo com Francis (2003, p. 198), função organizadora no discurso, pois mudam o tópico discursivo ou promovem uma alteração dentro do tópico, inserindo uma informação nova em um esquema dado. Essa operação é assinalada por uma divisão ortográfica – as orações que contêm rótulos retrospectivos são comumente introdutoras de parágrafos, como se vê no exemplo (13):



(13) O filme apela para o centro da tradição norte-americana – o ideal do nobre sacrifício pelo povo comum. Batman deve se humilhar para ser exaltado e renunciar à própria vida para encontrar uma nova. [...] Como máxima figura de Cristo, Batman sacrifica a si para salvar os outros [...].

*Dessa perspectiva*, com efeito, Dickens está apenas a um passo de distância de Cristo no Calvário: Pois aquele que quiser salvar a sua vida vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim vai encontrá-la. (*Caros Amigos*, 14 de Agosto de 2012).

Muitos nomes que funcionam no encapsulamento estão envolvidos na formação de conectivos como, por exemplo, *dessa forma*, *por esta razão* etc. Como afirma a autora, os conectivos são frutos de um processo de gramaticalização, o que indica que esse tipo de referência, em algum momento, poderá vir a fazer parte do sistema da gramática.

Numa tentativa de sistematizar os rótulos em uma classe, Francis aponta que a escolha de um rótulo não é feita a partir de uma seleção independente de um paradigma de palavras que tenham a mesma função. Os rótulos são altamente dependentes do contexto, entretanto, assevera Francis (2003, p. 202), basicamente todos os nomes nucleares de rótulos possuem, em comum, o fato de serem inerentemente inespecíficos: “sua especificação é uma escolha única a partir de uma infinidade de lexicalizações possíveis, e é encontrada em orações com as quais entra em relação de substituição”.

Para a autora, este é o conceito mais útil para caracterizar os rótulos como uma classe, embora como uma classe aberta.

## 2.5 A função avaliativa do SN encapsulador no artigo de opinião

Como já foi mencionado, para Conte (2003), os encapsulamentos anafóricos são introdutores de um novo referente discursivo que se torna argumento de predicções posteriores; o próprio núcleo do SN encapsulador é novo, pois não figura no cotexto. O encapsulamento anafórico realizado por um SN cujo núcleo é um nome avaliativo ou por um SN composto por um adjetivo avaliativo como modificador confere ao texto um alto valor argumentativo.

Cavalcante (2001) concorda com o fato de os SNs rotuladores sempre introduzirem referentes novos ao discurso, porém nem sempre introduzem informações novas. Para a autora, a introdução de uma informação nova no texto por meio de um SN rotulador requer um caráter avaliativo. Do contrário, o SN somente encapsulará as informações presentes no cotexto.

Para Francis (2003), os rótulos, mesmo quando apresentados como pró-formas dadas, possuem significado interpessoal e adicionam algo novo ao argumento, indicando a avaliação do produtor.

Os exemplos analisados no *corpus* deste artigo apontaram para o que afirma Cavalcante (2001). Muitos SNs rotuladores apenas encapsulam as informações por meio de um nome de natureza metalinguística, sem comportar um ponto de vista avaliativo do produtor do discurso. Em contrapartida, outros já deixam claro o ponto de vista do enunciador. É o caso dos exemplos (14) e (15) abaixo:

(14) Em uma cena curta, mas comovente, vemos como, em um ato de amor no meio do sofrimento terrível, Bane salvou a garota Talia sem se importar com as consequências e pagando um preço terrível por isso (foi espancado quase até a morte por defendê-la). Karthick tem toda razão ao situar *esse acontecimento* dentro da longa tradição, de Cristo a Che Guevara, que exalta a violência como uma “obra do amor”, como nas famosas palavras do diário de Che Guevara: “Devo dizer, correndo o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado pelo forte sentimento do amor. (*Caros Amigos*, 14 de agosto de 2012).

(15) Nesse sentido, é a primeira retaliação desse novo governo à corrente latino-americana. Achei até que demorou a ocorrer. Mas, quando veio, pegou direto no Calcanhar de Aquiles. Afinal, de bobos nada têm *os lobos da Opus Dei*, que preenchem as principais cadeiras do governo de Bento XVI. Agora, fico me perguntando se a mordedura da cúpula conservadora do Vaticano na PUCP pode ser encarada como um aviso às universidades católicas daqui? (*Caros Amigos*, 27 de julho de 2012).



### 3. Breve proposta de sistematização do funcionamento da anáfora encapsuladora

Tendo em vista os trabalhos aqui discutidos, bem como os exemplos analisados, parece possível identificar quatro principais dimensões envolvidas no funcionamento do fenômeno do encapsulamento anafórico, que seriam as dimensões sociocognitiva, discursiva, semântica e morfossintática.

A dimensão *sociocognitiva* diria respeito, por exemplo, ao fato de a anáfora encapsuladora acionar o contexto sociocognitivo dos participantes da interação, acionando, dentre outros tipos de conhecimento, o conhecimento enciclopédico dos interlocutores; a dimensão sociocognitiva envolveria também, por exemplo, o papel da anáfora encapsuladora em termos das operações de designação/identificação de referentes apontadas por Cortez (2012).

A dimensão *discursiva* compreenderia, por exemplo, o papel do encapsulamento anafórico de promover a categorização e a hipostasiação de atos de fala e de funções argumentativas no discurso, conforme apontado por Conte (1996); também fariam parte da dimensão discursiva as funções do encapsulamento anafórico descritas por Cavalcante e Mesquita (2011), isto é, as funções resumitiva, coesiva, metalinguística e argumentativa; além disso, incorporariam a dimensão discursiva as funções rotuladora e avaliativa anteriormente escritas.

Já a dimensão *semântica* diria respeito ao fato de as anáforas encapsuladoras designarem algum tipo de entidade semântica, particularmente uma entidade de segunda, terceira ou quarta ordem, nos termos de Camacho, Dall’Aglio-Hattnher e Gonçalves (2008).

Por fim, a dimensão *morfossintática* diria respeito à constituição estrutural interna das expressões anafóricas encapsuladoras, que apresentam, principalmente, os seguintes aspectos: a) apresentam em sua composição as relações *det + nome + adjetivo*, *det + adjetivo + nome* e *det + nome*; b) nas relações *det + nome + adjetivo* e *det + adjetivo + nome*, os modificadores dos nomes nucleares exercem preferencialmente as funções de qualificadores e

classificadores (NEVES, 2000); c) como determinantes de um SN encapsulador predominam determinantes demonstrativos; d) as expressões encapsuladoras são passíveis de serem sistematizadas em uma classe, ainda que seja uma classe aberta (FRANCIS, 2003).

Como mencionado acima, a distinção dessas quatro dimensões envolvidas no funcionamento do encapsulamento anafórico constitui apenas uma breve tentativa de sistematizar os diferentes aspectos envolvidos nesse fenômeno e, inclusive, uma forma de evidenciar sua complexidade e sua relevância no processo de construção textual. Seria uma proposta inicial que poderia servir como ponto de partida para classificações mais amplas e sistemáticas.

Em síntese, os exemplos analisados ao longo do trabalho evidenciam que esse tipo de remissão anafórica, ao empregar termos de valor axiológico, constitui um poderoso recurso argumentativo, manifestando o ponto de vista do autor. Além disso, a anáfora encapsuladora, por meio de recursos como o da hipostasiação, promove, argumentativamente, a reavaliação, a resignificação, a recategorização e a requalificação do objeto de discurso ao qual se refere.

As funções exercidas pelo encapsulamento anafórico revelam, ainda, que esse fenômeno constitui, no âmbito do texto do gênero artigo de opinião (embora, certamente, não apenas nesse gênero), um fundamental recurso de coesão, uma vez que organiza a estrutura semântica, encapsulando e recuperando o referente textual, assim como introduzindo novos referentes cruciais para a argumentação. A anáfora encapsuladora coloca em evidência uma expressão linguística (um objeto de discurso) em torno da qual se constrói uma rede de significados que permitem manter tal objeto sempre em foco (progressão temática), decorrendo daí grande parte de seu valor coesivo.

### **Considerações finais**

A análise empreendida neste artigo buscou mostrar o funcionamento do encapsulamento anafórico em textos do gênero artigo de opinião.



Para tanto, levou-se em consideração, como afirma Rojo (2005), o fato de que a análise linguística deve ser empreendida “da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes”. Segundo a autora, um estudo realizado sob a perspectiva dos gêneros do discurso:

partirá sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seus interlocutores e temas discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/enunciado/língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p. 199),

Nesse viés, o encapsulamento anafórico, no gênero artigo de opinião, exerce o papel de organizador discursivo, manifestando, quase sempre, um valor axiológico por meio do qual o produtor demonstra seu ponto de vista acerca do tema abordado.

A análise mostrou, sobretudo, que os diferentes tipos de nomeações no artigo de opinião exercem funções que integram aspectos sociocognitivos, discursivos, semânticos e morfossintáticos. Essas funções corroboram a afirmação de Koch (2005, p. 37) de que o fenômeno do encapsulamento anafórico “opera a recategorização dos objetos de discurso, [...] atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrevente”. Em outras palavras, as nomeações operam no desenvolvimento discursivo, introduzindo novos referentes, mudando ou desviando o tópico discursivo, realizando, dessa forma, “dois grandes movimentos de construção textual: retroação e progressão” (KOCH, 2001, p. 4).

## Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.





BEAUGRANDE, R. ; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.

BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, v. 7, n. 13, 2009. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_13\\_o\\_genero\\_textual\\_artigo\\_de\\_opiniao.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opiniao.pdf). Acesso em: 25/09/2013.

BRÄKLING, K. L. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.

CAMACHO, R.; DALL'AGLIO-HATTNER, M.; GONÇALVES, S. C. L. O substantivo. In: RODOLFO, I.; NEVES, M. H. de M. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil** Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 21-80.

CAVALCANTE, M. M. As nomeações em diferentes gêneros textuais. **Cad. Est. Linguísticos**, Campinas, v. 41, p. 127-140, jul./dez. 2001.

CAVALCANTE, M. M.; MESQUITA, L. L. Argumentação e polifonia em anáforas encapsuladoras. **Letras Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n 1, p. 55-63, jan./mar.2011.

CHANET, C. Manipulations sur les SN anaphoriques résomptifs. Document de travail interne au projet. FNRS. La constructions des objets de discours par le SN complexes e les nominalisations. **Séminaire de Linguistique Française**. Université de Fribourg, Suisse, avril de 1994.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In : CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.

CORTEZ, S. L. A anáfora no processamento textual. **Estudos de Linguagem**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p.11-29, dez./2012.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIK, S.C. **The theory of functional grammar I**. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In : CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 191-228.



KOCH, I. G. V.; FÁVERO L. L. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, jun. 1987.

KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos do discurso. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora. v. 6, n. 1, p. 29-42, 2001.

\_\_\_\_\_. Referenciação e organização argumentativa. In: KOCH, I., MORATO, E. M., BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

\_\_\_\_\_. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica. **Revista do Gelne**, Natal, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2000.

MONDADA, L. ; DUBOIS, D. Construction des objets du discours et catégorization: une approche des processus de référenciation. **Revue Tranel** (Travaux Neuchâtelois de Linguistique), v. 23, p. 273-302, 1995.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005, p. 184-207.

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: DOLZ, J., SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 129-147.

Recebido em 22/11/2014.

Aceito em 16/07/2015.

### **Lucivânia Marques Pacheco**

É graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU e doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP de São José do Rio Preto. É Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Coordenadora do Núcleo de Investigação Científica, Extensão e Pós-Graduação do Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos – IMEPAC/Araguari.

E-mail: lucivania@unipacaraguari.edu.br